

# Com Agostinho: Macau no Quinto Império

*Luís Sá Cunha\**

Foi há vinte anos. Vésperas da minha partida para a longíngua Macau (“*a que foi que tão longe nos trouxeram?*”, inquiria Camilo Pessanha...).

Francisco Palma Dias “marcou-me” um encontro de despedida com Agostinho da Silva.

Acabado de chegar, depois de 20 anos no Tibete, o Francisco, na sua figura e verbo, transparecia a paz e a luz só hauridas naquelas alturas onde convivem o azul e o oiro puros.

Agostinho da Silva lá estava, com o seu perfil de medalha antiga, na sua simpleza de profeta humilde, de pobre franciscano esmoler de infinitos, ou de marinheiro aparelhado a todas as navegações e pronto a todas as partidas sempre.

Por todos os lados, os gatos, calmos, imprevisíveis, no suave “ballet” dos gestos elásticos.

Na parede, fascinava um caixilho com duas dezenas de nós de marinho: que imaginação, que flexibilidade, que delicadeza de rendado operado pelos grossos dedos dos homens do mar!

Foram quatro, cinco (?) horas de conversa vadia, ao melhor estilo de Agostinho da Silva, em trina comunhão encerrada num inolvidável ritual de despedida. É que tive o pressentimento, então inconsciente, de ter sido ali nomeado para uma nova missão, como se espada invisível me aflorasse os ombros. Só tive consciência mais clara desse momento, e desse desígnio, muitos anos mais tarde em Macau.

---

\* Luís Sá Cunha, residente em Macau há 20 anos, foi Director da *Revista da Cultura* do Instituto Cultural de Macau (1986-2001), editou um número especial sobre as relações históricas Macau/Brasil, prefaciado por Agostinho da Silva). É actualmente Secretário-Geral do Instituto Internacional de Macau, Presidente do Elos Clube de Macau, Membro do Conselho Permanente do Conselho das Comunidades Macaenses e da Direcção da Confraria da Gastronomia Macaense, e Director das revistas *Macau/Focus* e *Oriente/Ocidente* do Instituto Internacional de Macau.

Durante muitos anos Director da *Revista da Cultura* do Instituto Cultural de Macau (de 1986 a 2001), procurei que fosse entroncado um ramo da sinologia e do orientalismo ao movimento da cultura de expressão lusófona nos finais do século XX.

Em Macau, depois do desfalecimento de Portugal em Alcácer-Quibir, continuara, sob o dossel do Padroado, o movimento do grande encontro de culturas convocado pela vocação universalista da alma lusíada.

Depois de “descobrir” o Outro, impunha-se a fase seguinte de conhecer e compreender o “Outro”. No meio das cinzas de uma pátria esvaída, só o verbo áureo do P.<sup>e</sup> António Vieira teve assomos enérgicos de vibrar o clarim para continuar. Mas só em Macau, pelos jesuítas, encandecidos no sonho de evangelização do Japão e da China, o movimento espiritual logrou operar o maior fenómeno de mútuo conhecimento e compenetração culturais alguma vez acontecido em algum tempo na História da Humanidade.

Também tudo isso foi entrando em vias de esgoto, pelas eras, mas a sua memória e continuidade foram retomadas nos finais do século passado, nos quinze anos em que Portugal preparou o retorno de Macau à mãe China.

Quando em 1995 aconteceu o tempo de dedicar um número integral da *Revista da Cultura* às ligações históricas entre Macau e o Brasil, foi como se um grande oceano do passado refluísse aos tempos presentes e logo surgiu a lembrança de convocar a voz mais própria à apresentação da edição – Mestre Agostinho da Silva.

Contactei-o para lhe pedir que me transmitisse por escrito um resumo do que explicara, abriera, iluminara e propusera sobre a missão de Macau na religação ao mundo da Língua Portuguesa e concretamente ao Brasil, naquela conversa em sua casa em maio de 1986.

Para ele, o movimento agora teria que ser em sentido contrário, e Macau, cabo do mundo lusíada, teria como missão trazer o Oriente para Ocidente, passando por África de permeio em direcção ao planalto brasileiro – renovada cosmografia espiritual de um *abraço do universo ao universo*.

Só mais tarde percebi que um certo optimismo transparente nas suas palavras provinha talvez da materialização daquela edição. Longe de Portugal, ignorava eu então que Agostinho da Silva se desiludira, em textos anteriores, do contributo de Macau para a arquitectação da Pátria Lusófona, porque *Macau se abolira em fábricas de jogo*. Nada haveria que esperar mais de Macau... As aparências davam-lhe razão, num momento em que a imagem projectada pelas notícias inculcava aquela degenerescência da *civitas* de Macau, irremediável e exclusivamente cristalizada como cidade do jogo.

Era um tempo em que Agostinho balançava entre duas esperançosas expectativas – se seria a China de Deng Xiao Ping (a despertar para a comunidade das nações e para o cumprimento de uma nova etapa do seu destino) ou o Brasil-síntese-do-todo-universal ao encontro do futuro – qual dos dois equivalentes espaços protagonizaria o movimento prossecutor da escatologia do Reino dos Céus na Terra, regida a ecúmena dos homens pelo Evangelho Eterno, e pousando a coroa imperial sobre a frente da Criança.

Logo se viu que Agostinho mentava a prioridade do Brasil, nau capitânea de todo o espaço lusófono na demanda daquele *eschaton* de perfeição na Terra.

Se há ditado popular que valha um inteiro sistema de filosofia será aquele em que a voz popular (que é de Deus) confia em que *escreve Deus direto por linhas tortas*. Foi girando o planeta e foram girando as roletas dos casinos, as ideias dos homens e os novos cenários. Em Macau, sempre os relógios rolaram mais depressa. Por orientação de Pequim, Macau passou a ser, desde há dois anos, a plataforma de intercâmbios comerciais entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Logo se enfileiraram algumas iniciativas culturais a acolitar tantas e tão gradas operações económicas, o que não estava previsto nos planos lucrativos. Em dois anos viu-se a espantosa multiplicação de factos e realizações que confirmaram Macau como centro propulsor e dinamizador de um arrastado ânimo, retracto e titubeante, do movimento lusófono. Não há mês, não há semana, que se não realize em Macau qualquer encontro ou seminário de instituições ou classes profissionais dos países lusófonos.

Depois do Fórum Para a Cooperação Económica e Comercial (já realizado duas vezes), os 1<sup>os</sup>. Jogos da Lusofonia convocaram a Macau o mais belo convívio de embaixadas humanas de todos os territórios que em Português se conversam.

No Instituto Internacional de Macau, assinámos mais de quarenta protocolos, em seis anos, com grandes instituições de países lusófonos, sobretudo do Brasil, que permanentemente são confirmados em actos, realizações e contactos mútuos. Organizaram-se seminários e publicaram-se livros, *verbi gratia*, um volume em chinês do principal especialista em assuntos do Brasil da Academia de Ciências Sociais de Pequim, com a história económica, política e social do Brasil, dos anos de 1920 ao fim do século XX.

Aliado à Fundação Jorge Álvares, à Fundação Calouste Gulbenkian e à Comissão Organizadora dos 1<sup>os</sup>. Jogos da Lusofonia, o Instituto Internacional acabou de realizar em Macau o “1<sup>o</sup> Encontro de Poetas Lusófonos e Chineses”, onde foram convocadas algumas das mais altas vozes das *ars poetica* da lusofonia e da China.

O Elos Clube de Macau propôs-se, durante este ano de assinalamento do Centenário do nascimento do Mestre, associar-se ao grande programa de actos comemorativos, tendo organizado a mostra de duas exposições evocativas de Agostinho da Silva e uma evocação do Mestre durante a Assembleia Geral de AULP em Macau (juntamente com o IIM) e editado um pôster comemorativo (“Agostinho da Silva, Poeta à Solta”) e um desdobrável com um texto de Agostinho alusivo à relação de Macau com o Brasil (que titulámos “Macau no Quinto Império”).

Prossuiremos nesta orientação durante o ano de 2007, e pelos próximos, em meio de ventos que nos rodeiam ou de absoluta calma ou de rajadas pontei- ras.

Agostinho da Silva, cremos bem, teria ficado contente, ao ver as coisas a mexer assim, e, assim, tocadas de imprevisibilidade, sopradas pelo Espírito.

Em Agostinho, vemos agora, sobretudo, o Profeta da Pátria lusófona, antecipação na Terra daquela Jerusalém que há-de descender dos Céus para aqui implantar a sua puríssima arquitectura diamantina. Pátria lusófona que, por razões písticas e sóficas, vemos destinada a embrionar a sua síntese no Brasil.

Aqui, de Macau, polarizados no seu pensamento e modelo humano, trabalharemos para o progresso daquele projecto universal, que é cultural, e de síntese da Europa e África e Oriente, onde Macau continuará a ser ponte de influência, para o Ocidente, da *disciplina confucionista* depois superada pela libertária e imprevisível vadiagem taoísta, quando começar a ser o *tempo de ser Deus*.

Em Macau – neste princípio de Milénio, na auscultação dos arcanos mais fundos da Pátria da Luz e na contemplativa intuição das leis cíclicas a que as Eras obedecem, crentes na transcendente emergência daquela ínclita Pátria, pátria de mátrias conversáveis na unidade da mesma língua, modelo da irmandade universal, operadora da religação do separado e de harmonização dos contrários, abolidora das distâncias e das divergências, transmutadora do tempo em espaço para realizar a eternidade no presente, onde *Tudo é para todos*, gratuita a Vida e o Eterno Evangelho será falado em Português.

Em Macau, também aparelhamos já a nau para o desembarque amañã nas areias doiradas da Ilha dos Amores.